

## **Quadrinístico e quadrinizante: as semioses das histórias em quadrinhos brasileiras.<sup>1</sup>**

Adriana Pierre Coca<sup>2</sup>

Eduardo Silva Barcelos<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

**Palavra-chave:** Semioses; semiosfera; quadrinizante; quadrinístico; história em quadrinhos.

### **Introdução: as HQs brasileiras entre o quadrinístico e o quadrinizante.**

Este estudo se propõe a pensar as histórias em quadrinhos brasileiras, a partir da distinção entre as noções de quadrinístico e quadrinizante. Quadrinístico é o que se refere àquilo que se convencionou chamar de histórias em quadrinhos; orienta-se em direção ao hábito, à regra. Compõe-se, portanto, de elementos que tendemos a reconhecer como próprios e/ou normativos da linguagem, como os balões de fala, as onomatopeias, os personagens tipificados, entre outros recursos codificados na narrativa quadrinizada. O quadrinizante, por sua vez, surge como uma potência: algo que pode vir a ser um quadrinho, ainda que esteja no limiar, repousando na zona de contágio com outras formas de expressão e outros modos de ser (Cirne, 1990; Vargas, 2019). Entre esses dois termos, estabelece-se uma dinâmica, um jogo de forças: “a periferia é a condição possível de delimitação do centro, i.e., os quadrinhos conseguem reafirmar sua identidade essencial ao vislumbrar o seu próprio fim, ao anteverem os não quadrinhos, aquilo que força o convencional ao avesso” (Vargas, 2019, p. 10).

Refletir sobre as possibilidades contidas nessas manifestações permite-nos olhar para o passado e constatar potências quadrinizantes em expressões anteriores aos quadrinhos tais como os (re)conhecemos hoje — o gibi antes do gibi. Convida-nos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP de Semiótica da Comunicação do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Informação. E-mail: [pierrecoca@gmail.com](mailto:pierrecoca@gmail.com).

<sup>3</sup> Aluno do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica com orientação da Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário. E-mail: [eduardobarcelos07@gmail.com](mailto:eduardobarcelos07@gmail.com).

também, a pensar o diálogo com outras formas artísticas, como a poesia, a pintura, a música e o cinema, intumescendo os limites do próprio campo.

A partir dessas inquietações buscamos refletir sobre: como se concretizam as semioses entre esses dois movimentos, o quadrinizante e o quadrinístico? Para tanto, temos como objeto empírico para esta discussão as obras de Álvaro de Sá e Guilherme E Silva, que nos auxiliam a compreender como essas noções se enlaçam, se tangenciam e reconfiguram devires para esse texto da cultura.

O aporte teórico-metodológico basilar, além dos autores que propõem as noções de quadrinizante e quadrinístico (Cirne, 1990; Vargas, 2019), é a semiótica da cultura, sobretudo, as proposições de texto da cultura, semiosfera e fronteira. Com Lotman (2013; 2021), principal representante desta perspectiva teórica, discorreremos sobre as semioses, que são os processos de significação, “de transmissão e transformação de mensagens” (Machado, 2003, p. 52), o funcionamento da semiosfera, dimensão abstrata que acolhe tudo o que é próprio da significação e o papel fundamental das fronteiras semióticas, para dimensionar como os sistemas da cultura se atualizam.

Dessa forma, metodologicamente, atentamos, por um lado, para as regularidades, previsibilidades e continuidades presentes na linguagem das histórias em quadrinhos, em especial, as brasileiras e, por outro, para os aspectos que em alguma medida tecem a indeterminação dos sentidos e provocam a formação de novas mensagens, consequentemente, a tessitura de narrativas que orbitam esse limiar entre o quadrinístico e o quadrinizante, propondo novos modos de criar e contar essas histórias.

A discussão se concentra em dois momentos, além da presente introdução e das considerações finais. No primeiro, delineamos alguns dos pressupostos teóricos da semiótica da cultura, enquanto no segundo, entrelaçamos a teoria às observações acerca das obras analisadas.

### **Pressupostos teóricos: a semiótica da cultura**

Nossa inquietação principal surgiu, portanto, da necessidade de entender e observar empiricamente como se constituem as noções de quadrinístico e quadrinizante nas histórias em quadrinhos experimentais produzidas no Brasil. Como já mencionamos, enquanto uma está atrelada à linguagem das HQs que se estruturam de maneira mais

hegemônica, a outra se vincula às propostas mais inovadoras que oferecem modos que nos parecem reconfigurar a forma de narrar esses textos da cultura, como os exemplos brevemente analisados nesta discussão resumida.

Guiados pelos pressupostos da semiótica da cultura (SC), importa reconhecer que um texto da cultura, nessa perspectiva teórica, tem uma noção mais ampla que um texto verbal/literário, pois acolhe diferentes manifestações culturais como as histórias em quadrinhos, os filmes, as novelas, as séries documentais e de ficção, peças teatrais e, inclusive, textos não verbais, como a pintura e a escultura.

Consideramos, ainda, a sintonia da comunicação com o conceito de semiosfera, dimensão abstrata, espaço da comunicação e das semioses, os processos de significação, nos quais os sentidos são gerados e reconfigurados por meio da tradução de mensagens (Lotman, 1996), entendemos que as histórias contadas em quadrinhos podem ser pensadas como uma semiosfera da cultura, regida pelos seus códigos específicos, ou seja, suas regularidades como linguagem, que são, sobretudo, como já sinalizado: os balões de fala, as onomatopeias, o procedimento de leitura linear e simultâneo, entre outros recursos da narrativa quadrinizada. Assim sendo, “A cultura, sendo o lugar da semiosfera, subdivide-se em diferentes linguagens, criando-se dessa forma, ‘subsemiosferas’, que adquirem uma identidade própria a partir da maneira específica como organizam a informação” (Kirchof, 2010, p. 64).

Desse modo, o texto é refletido como a unidade mínima da cultura, compõe as linguagens, que tecem os sistemas culturais que se encontram, dialogam ou se repelem nas semiosferas. Os textos hegemônicos ocupam o centro das semiosferas da cultura, enquanto aqueles que rompem com as regularidades, normatividades reconhecidas, transitam às margens, nas fronteiras desses sistemas culturais, ou seja, nas balizas da significação.

É nessa via, que partimos do pressuposto que esses textos da cultura, as histórias em quadrinhos que se situam como sistemas modelizantes, são aquelas contadas por meio dos códigos previsíveis que se aglomeram nos núcleos desses sistemas culturais, aquelas definidas como quadrinísticas, que se opõem de algum modo, as possibilidades que se colocam como quadrinizantes, que são aquelas que habitam a periferia da semiosfera das histórias em quadrinhos, por apresentarem elementos que destoam das previsibilidades, continuidades e normatividades vigentes, propondo um novo olhar e, com isso,

instaurando certa indeterminação dos sentidos. Lotman (2013) esclarece que o imprevisível é algo que não é regular a determinado texto ou sistema da cultura e rompe com o “vício da trivialidade” (Lotman, 2013, p. 17).

O autor admite que o contexto está diretamente vinculado aos textos culturais, permitindo “recriar uma aura textual ao seu redor” (Lotman, 2000, p. 103), advertindo que a linguagem é inseparável do contexto que a expressa, Lotman argumenta que a “combinação de tradutibilidade-intradutibilidade (cada uma em diferentes graus) é de fato o que determina a função criativa” (Lotman, 1990, p. 15). A função criativa de determinado texto da cultura pode ser acionada a partir do ato tradutor e, conseqüentemente, da produção de novas mensagens. No entanto, Lotman sinaliza que para que haja a tradução de novos sentidos, é preciso uma absorção, uma espécie de abertura para que os elementos alheios a um sistema cultural sejam passíveis de serem traduzidos.

### **Metodologia e análise empírica: as semioses de *Poemics* e *E daí?*.**

Nesta pesquisa, assumimos uma condução teórico-metodológica, contextualizando os trabalhos observados, dentro de um levantamento documental/bibliográfico adjacente que nos forneceu informações sobre a realização das produções, com as reflexões conduzidas pela teoria. Os trabalhos selecionados são as obras de Álvaro de Sá e Guilherme E Silva, quadrinistas que exploram as possibilidades de diálogo do quadrinho com outras linguagens artísticas, fazendo-nos perceber diferentes formas de engendrar aspectos quadrinizantes.

Álvaro de Sá, um dos fundadores do movimento de vanguarda "poema-processo", realizou a série *Poemics* no contexto da produção experimental brasileira entre 1967 e 1972, durante a Ditadura Militar. Vinculado a uma proposta que buscava rejeitar a centralidade da palavra e produzir poemas para serem vistos, mais do que lidos, Sá explora, nessa série, signos não verbais associados às histórias em quadrinhos, como balões de fala, onomatopeias e quadros organizados sequencialmente, tensionando os limites entre a poesia e o gibi.

Nosso segundo objeto empírico é a obra *E daí?* (2020), de Guilherme E Silva, um quadrinho abstrato desenhado com carvão, composto pela multiplicação progressiva de

borrões pretos em formas geométricas quadradas, até atingir o número de 5.083 nas últimas páginas. Sem narrativa figurativa tradicional, a obra explora as potências da abstração e as possibilidades de uma linguagem em diálogo com outras expressões pictóricas, mobilizando procedimentos como a repetição e a leitura simultânea das formas. Seu contexto de produção é fundamental para a construção de sentido: os 5.083 borrões remetem ao número de mortes por Covid-19 no Brasil em 28 de abril de 2020, data em que o então presidente Jair Bolsonaro reagiu à marca de mais de cinco mil mortos com a frase “E daí?”.

### **Considerações finais: contribuições do estudo.**

Este estudo, ainda em andamento, pretende oferecer uma proposta teórico-metodológica para analisar criações situadas na fronteira das possibilidades expressivas da linguagem quadrinística. Uma obra quadrinizante tende a tensionar os códigos habituais que orientam nosso reconhecimento das histórias em quadrinhos, colocando-nos diante da própria forma. Assim, a identificação do quadrinizante nunca deve ser tomada como ponto final da análise. Ao contrário: parte-se dele para investigar as operações, os mecanismos tradutórios de cada obra.

Destacamos, ainda, a relevância de estudar um conceito ainda pouco explorado no campo das pesquisas em quadrinhos e semiótica da cultura no Brasil. O desenvolvimento do conceito de quadrinizante atravessa décadas e acompanha mudanças no campo teórico dos estudos sobre histórias em quadrinhos no país. Moacyr Cirne, semiólogo potiguar, integrou a primeira geração de pesquisadores brasileiros dedicados aos gibis e é frequentemente apontado como autor do primeiro livro teórico sobre o gênero escrito por um brasileiro: *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*, publicado em 1970. Alexandre Vargas, por sua vez, insere-se no quadro dos teóricos contemporâneos dos estudos em quadrinhos, evidenciando a permanência e a força do pensamento de Cirne, bem como a produtividade do conceito por ele formulado.

### **Referências**

CIRNE, M. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa; Funarte, 1990.

---

KIRCHOF, E. R. Yuri Lotman e Semiótica da Cultura. **Revista Prâksis**, v. 2, p. 63–72, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/703>

LOTMAN, I. M. **Cultura y explosión**. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. 2ª ed. Barcelona: Gedisa, (1999) 2013.

\_\_\_\_\_. **La semiosfera I**: Semiótica de la cultura y del texto. 1ª. ed. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

\_\_\_\_\_. **La semiosfera III**: Semiotica de las artes y de la cultura. 1ª. ed. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. Tradução: Irene Machado. São Paulo: Hucitec, 2021.

\_\_\_\_\_. **Universe of the mind**. A semiotic theory of culture. Trad. Ann Shulman. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, I. **Escola de Semiótica**. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Atêlie Editorial/Fapesp, 2003.

VARGAS, A. L. De Buster Brown a Burroughs: introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros. **Veredas**: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 31, p. 9–24, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/633/451>